



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

DO LIVRO AO RÁDIO – UMA EXPERIÊNCIA¹

João Batista Neto Chamadoira - UNESP

RESUMO: Nosso escopo é apresentar a experiência desenvolvida na Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho, - UNESP – Campus de Bauru. Ministrando aulas de Técnica Redacional para Radiojornalismo, vimos a possibilidade de fazer adaptações de texto literários para o veículo rádio. Nesse sentido, a RÁDIO UNESP FM, localizada no Campus, tem sido elemento muito importante para a divulgação dos poetas e ficcionistas da Língua Portuguesa, por meio do programa intitulado POESIA E PROSA. Nesse trabalho, conto com a participação de alunos dos cursos de Radialismo e de Jornalismo que, mediante exercícios e treinamentos de locução, já vão desempenhando, assim, atividades relacionadas à futura profissão, bem como sendo estimulados ao envolvimento com a Literatura.

Palavras-chave: adaptação – poesia – rádio

Sou formado em Letras e ministrei durante 30 anos aulas de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa. Desenvolvendo meus estudos, tendo em vista o ensino da redação, ingressei na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – FAAC – da UNESP, Campus de Bauru, onde leciono, atualmente, a disciplina Técnica Redacional para Telejornalismo e Radiojornalismo. Nesse sentido, meu interesse se voltou para as atividades relativas aos veículos Televisão e Rádio. Já havia publicado alguns textos sobre Literatura, em especial, comentários sobre os principais autores e suas obras, em jornais de minha terra natal. Assim, trabalhando com rádio, vislumbrei a possibilidade de elaborar textos sobre Literatura para serem veiculados pela RÁDIO UNESP FM, emissora universitária ligada à Reitoria da UNESP e localizada no campus de Bauru. Elaborei um projeto e encaminhei-o à Direção da RÁDIO UNESP FM.

O projeto foi aceito e iniciei a programação com textos de Camões, Cecília Meireles, aliás com base nos textos que foram publicados nos jornais impressos da cidade de Atibaia.

É claro que não bastava apenas transcrever o texto já publicado no jornal impresso para a pauta de rádio, como se fosse o roteiro para o programa. Conseqüentemente, teria que verificar as peculiaridades do veículo rádio e, em especial, as características da produção relativa ao texto literário, já que difere dos demais textos veiculados pelo meio radiofônico.

¹ Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Já havia trabalhado, lecionando Literatura para alunos da Escola Técnica Federal de São Paulo, hoje o CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA, escola presente com uma ou duas unidades em cada estado do Brasil. Uma escola como essa, evidentemente, tinha como aspecto pedagógico, a preocupação pelo ensino profissionalizante, embora os alunos pudessem, após concluir o curso, prestar vestibular para qualquer área. Na escola, como não poderia deixar de ter, havia uma falsa dicotomia entre humanismo e tecnicismo, evidentemente causada por certas idéias de que, por um lado, as artes “levam o indivíduo a ficar distante da realidade” e que, por outro, “a técnica leva o indivíduo a se tornar rude e alienado” Esse era o contexto, evidentemente, aqui um pouco exagerado, em que eu deveria lecionar Redação Técnica e Literatura. Diria alguém “nem tanto a terra, nem tanto ao mar”. Era possível trabalhar a linguagem técnica e a linguagem poética, inclusive sob o argumento teórico criado por Jakobson, da existência das chamadas funções Referencial e Poética. Nesse sentido, acreditei que, trabalhando com alunos do curso de Mecânica do ano primeiro técnico, poderia motivá-los a gostar e, conseqüentemente, interessar-se por literatura. Criando hábito da leitura expressiva de poemas que se caracterizam por uma sonoridade lúdica, aqui a partir das idéias de Orlandi e, ao mesmo tempo, curiosa, verifiquei que alunos um pouco desestimulados a ver a poesia como algo bom e, acima de tudo gostoso, poderiam ter outra impressão e interessarem-se por ela.

Assim, tive a oportunidade de verificar como era possível transformar um texto escrito em sonoro e com grande apelo afetivo, o que foi demonstrado nas atividades que fazia com os alunos, inclusive levando-os a se apresentarem em outra escola de nível médio da rede pública estadual.

Ingressando na UNESP em 1997 e iniciando um trabalho com aulas de Técnica Redacional para Radiojornalismo, verifiquei as peculiaridades, marcas que caracterizam o texto escrito e para ser lido no meio Rádio.

Com a experiência, muito mais intuitiva que racional, acreditava que poderia transformar um texto para leitura silenciosa de um livro para um texto com leitura expressiva, não para uma platéia ali próxima, ouvindo e, principalmente, vendo, mas veiculada pelo aparelho eletrônico. Dessa forma, será pertinente, apresentarmos as peculiaridades relativas ao veículo Rádio, no que diz respeito aos aspectos do meio de expressão- o som – à maneira como o locutor deve-se portar ao transmitir a mensagem, à forma de se escrever um texto que será lido.

Em primeiro lugar, para Ferrareto (2001:25), *O rádio é o meio veículo de comunicação que utiliza emissões de ondas eletromagnéticas para transmitir a distância mensagens sonoras destinadas a audiências numerosas.*

Para Rabaça e Barbosa (2002:615), *rádio é o veículo de radiofusão sonora que transmite (entre outras coisas) programas de entretenimento, educação e informação.*

Para Ferrareto, o rádio apresenta os seguintes aspectos condicionantes, em relação à apreensão da mensagem: capacidade auditiva do receptor; a própria linguagem radiofônica; a tecnologia de transmissão e recepção; a fugacidade; o tipo de público; as formas de recepção



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Quanto á capacidade receptiva do receptor, é claro que a ausência física do emissor, obriga o receptor a uma tentativa de percepção e atenção maiores, e, inclusive, compensar, com a imaginação, a distância e a ausência.

Por sua vez, a linguagem radiofônica procura compensar a exclusividade do aspecto sensorial da audição com inserção de música e outros sons combinados e, até, com a presença do silêncio. Dessa forma, a riqueza ou a pobreza de recursos técnicos terá influência na melhor ou pior recepção do ouvinte, aumentando ou não a eficácia do processo comunicativo tanto no que diz respeito à transmissão propriamente dita, quanto em relação à clareza e entendimento da mensagem.

A tecnologia de transmissão tem sido modificada rapidamente, com presença de equipamentos cada vez mais sofisticados e mesmo com telefone, procurando interagir com o ouvinte.

Como o emissor não está presente, a forma de exposição oral e a maneira como o receptor apreende a mensagem são fundamentais à concretização dos objetivos propostos pelo produtor do programa.

Quando se trata de Jornalismo, o rádio ganha, pelas características, em rapidez Mas o caráter fugaz desse veículo, torna imprescindível, por parte do emissor, uma clareza que não leve o ouvinte a pensar em fazer retornar o tempo para “reler” o texto. Só um gravador poderá proporcionar isso. É Prado (1985:19) quem fala de um *condicionamento temporal que sofre a decodificação.*

O tipo de público condiciona a programação radiofônica. Em se tratando de uma emissora pertencente a uma universidade, no caso a RÁDIO UNESP FM, cujos objetivos são, de certa forma diferentes dos objetivos de uma emissora comercial, pode-se dizer que é uma emissora alternativa. Assim um programa como POESIA E PROSA, o programa que apresento, possui algumas características que dificilmente apareceriam numa grade de programação de outras rádios. Nesse sentido, é necessário uma adaptação às exigências de um público habituado à leitura de textos poéticos, à música erudita.

Em relação às formas de recepção, Maria Cristina Gil, segundo Ferrareto (2000:28), distingue os verbos *ouvir* e *escutar*. Para a autora, ouvir é um estado passivo, automático, enquanto que escutar implica uma atenção desperta, ativa, que formula perguntas e sugere respostas, que se antecipa à ação futura que talvez vá incrementar a audição. Ouvir não põe em jogo mais do que os canais do ouvido. Escutar engloba todo o circuito do pensamento.

Por sua vez, Moles (apud Ferrareto), apresenta quatro formas de escutas, conforme citamos abaixo:

a)escuta ambiental: o ouvinte busca no rádio um fundo musical ou palavras;

b)escuta em si: o ouvinte presta atenção marginal interrompida pelo desenvolvimento de uma atividade prática;

c)atenção concentrada: supõe um aumento no volume de som do receptor, superando os sons ambiente e permitindo a concentração do ouvinte na mensagem;



d)escuta por seleção: o ouvinte sintoniza intencionalmente um determinado programa e a ele dedica sua atenção.

Para que a mensagem chegue ao ouvinte, conforme essas peculiaridades mencionadas, necessário se torna abordar aspectos sobre o texto escrito para ser lido pelo locutor na programação radiofônica. Inúmeros programas são lidos e isso, evidentemente, implica maneiras de se escrever o texto para o rádio, de modo que é classificado como um texto técnico, ou melhor dizendo, um texto para fins específicos. Difere da linguagem comum do dia-a-dia, da linguagem do jornal impresso e, evidentemente, do texto para a televisão.

Assim, os autores especializados, alguns, já com experiência em locução e trabalho radiofônicos, apresentam algumas peculiaridades do texto para o rádio.

Entre algumas recomendações para o texto próprio para o rádio está a de que é necessário organizar as orações em ordem direta, já que a fugacidade, o pouco tempo que o ouvinte tem para reter a informação, não permite que fique pensando nas palavras, na ordem da colocação do sujeito que faz a ação, no objeto que recebe a ação, ou nas circunstâncias em que a ação é realizada. Nesse sentido, recomenda-se também a elaboração de períodos e frases curtas, tendo-se muito cuidado com o emprego das conjunções, mormente aquelas que obrigam o ouvinte a aguardar a oração principal, para o fim da mensagem. A par desse aspecto estrutural, leve-se em conta também o aspecto lexical, já que o rádio deve priorizar aquilo que os especialistas chamam de língua coloquial. Dessa forma, expressões de raro emprego, devem ser evitadas, a não ser quando o próprio texto assim o exige. No caso de um noticiário econômico, de um comentário sobre cinema, ou demais artes, certas palavras, por pouco usadas que sejam, não podem ser substituídas por outras que não as expressem bem seu significado. Até para tornar mais fácil a compreensão, por exemplo, é recomendado que se diga *oito horas da noite* em vez de se dizer *vinte horas, três horas da tarde, por quinze horas*.

Importante destacar a presença do locutor. Essa palavra veio do latim *locutore*, cuja tradução é *aquele que fala*. Sem alguns requisitos essenciais para ser um bom locutor, o programa por certo não terá o número de ouvintes pretendido.

Ferrareto (p.311) concorda com Jorge Valdéz e cita oito requisitos essenciais para o locutor de rádio: *entender o significado, interpretar o texto, transferir as informações, medir o ritmo, matizar (dar cores), ser natural, convencer e concluir bem a leitura*. Esses aspectos marcam a boa locução.

Ao lado da adequação do texto, é importante a presença da voz e da pronúncia do locutor. Segundo testemunhei, trabalhando com leitura em voz alta e gravações de textos para deficientes visuais, na Fundação Dorina Nowill, em São Paulo, eles preferem a voz masculina à feminina, pelo fato de ser mais grave. Garcia (1980:206) fala da entonação da voz:

Para el manejo del público, la entonación ya la voz son definitivas. Los diferentes matices quitan la monotonía, , despiertan la atención y el interés y se mantiene al público a la expectativa. Pero éste, también debe ser un manejo adecuado y sutil, porque las estridencias, la forma altisonante o los gritos, desvirtúan la expresión.



Outro aspecto a ser lembrado é a pronúncia. Para Ferrareto, algumas distorções como /luziforsa/por /luz e força/, /primeiro./ por /primeiro/ devem ser evitadas. Claro é que há também a questão da tradicional pronúncia do fonema /r/ de forma retroflexa, aquele [r] interiorano, e que o Manual de Telejornalismo da Rede Globo condena, caracterizando como o que americano pronuncia (sic).Sabemos que isso pode ser encarado como um preconceito da classe dominante, que não pronuncia o /r/ de forma retroflexa. É uma questão polêmica, mas uma coisa é certa: a pronúncia do /r/ retroflexo pode impedir que muita gente não tenha o emprego de locutor.

Além da voz, do texto verbal, o rádio ainda pode e deve contar com outros ruídos que ajudam na matização do programa. César (1990:72) fala-nos dos fatores que favorecem a comunicação. Sendo a comunicação do rádio rápida e objetiva, além da voz o locutor ainda tem que contar e pode contar, com as músicas e com os efeitos sonoros para se melhor chamar a atenção do seu ouvinte. Assim, há as vinhetas, ornamentos sonoros, com as quais uma emissora de rádio se identifica em relação ao ouvinte, ou constitui a marca do programa, do quadro, ou do apresentador; o background, conhecido também por bg, que constitui a música, vozes ou ruídos em fundo, no programa de rádio.

RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA NA RÁDIO UNESP FM

A RÁDIO UNESP FM . A RÁDIO UNESP FM é sintonizada na frequência de 105, 7 megahertz, e situa-se no Campus da UNESP, na cidade de Bauru, zona oeste do estado de São Paulo. Foi fundada em 13 de maio de 1991 e, sob o ponto de vista do organograma está subordinada diretamente à Reitoria da UNESP.

A RÁDIO UNESP FM mantém uma programação que difere das outras emissoras da cidade, já que estas são de características comerciais. A emissora tem, entre outros objetivos divulgar matéria educativa e cultural, com a função de ampliar os horizontes da população regional. Presta também serviço de utilidade pública, apresentando campanhas educativas. Como está ligada à Universidade, apresenta trabalhos de professores e alunos. Na programação, chamada de alternativa, cito os programas A MÚSICA NO TEMPO, produzido por Waldir Figueiredo e RÁDIO SAUDADE, de José Esmeraldi, além de Jornalismo e programas de caráter científico produzidos por professores da UNESP.

Os primeiros trabalhos de adaptação de texto literário para rádio, tinham ainda a influência da forma que eu escrevia para o jornal, um veículo cuja linguagem difere muito da linguagem do rádio.

Assim, inicialmente, o programa durava em média de quinze a vinte minutos ou mais. Considerando que eram apresentados dois programas por semana, distribuídos em três horários e, levando-se em conta as características especiais do meio radiofônico, decidi, com a ajuda da direção da rádio, fazer em vez de programas longos, programas de curta duração, com no máximo cinco a seis minutos, os chamados *programetes*. Na verdade, a intenção não era esgotar o assunto de um poema, ou de um conto, romance,



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

ou sobre um poeta ou prosador. O fundamental era chamar a atenção do ouvinte para a existência do escritor, suas características e suas obras.

O passo seguinte foi resolver a questão da apresentação. O programa, no início, tinha apenas um apresentador, no caso a minha voz. Eu produzia e u mesmo apresentava os programas. Mas, como se sabe, o rádio se ressentia da imagem, necessita, por isso, de uma dinâmica que a compense e que estimule o imaginário do ouvinte. Assim, melhor seria que houvesse pelo menos duas pessoas na apresentação dos programas. Havia, também, o problema de que a mesma voz pudesse levar o ouvinte a não distinguir entre a apresentação dos dados do escritor e o texto escrito por ele. Assim, após tentar com locutor da própria emissora a interpretação do texto e não ter tido êxito, passei a convidar alunos de Jornalismo, Rádialismo e Relações Públicas, habilitações que integram o curso de Comunicação Social da UNESP de Bauru.

A experiência foi boa, pois os alunos não tendo experiêncbia em locução, não estavam, digamos, “viciados” na locução publicitária ou comercial. Por outro lado, os alunos gostam da experiência. Na verdade, os exercícios eu faço com os alunos sobre dicção e expressividade preenchem uma lacuna existente na grade curricular.

Os programas procuram mostrar não só os autores já tradicionais, aqueles que eu chamo, por falta de uma denominação melhor, de autores presentes nos livros didáticos. Valorizo também os autores contemporâneos cuja divulgação é muito pequena. Assim Paulo Leminski, Ana C., Inácio Loyola Brandão, Carlos Vogt, Carlso Felipe Moisés, a geração de sessenta e setenta.

Para a produção do programa, não conto por enquanto com alunos, mas estou coordenando o NÚCLEO DE PRODUÇÃO RADIOFÔNICA e, por certo, em breve deverei estar iniciando os alunos nessa programação, desde que, é claro, que eles desejem realizar esse trabalho..

Para elaborar o programa, escolho aleatoriamente um determinado autor, a não ser que seja alguma data significativa Ou que estejamos perto dos exames vestibulares. Neste último caso, uma ouvinte que prestaria o exame vestibular sugeriu que abordasse alguns autores cujas obras constavam da lista dos livros para os vestibulares.

Após escolher o autor, verifico o poema, seu conteúdo, e, especialmente sua extensão, já que o tempo é limitado nesses programetes. SE se trata de contos, romances, apresento o enredo, a importância da obra e um ou dois trechos significativos. No caso de um poema longo, como NAVIO NEGREIRO, OS LUSÍADAS, etc. Afinal não se pode contentar com tudo e com o texto todo.

Na elaboração do programa utilizo o que se chama de música incidental ou fundo musical ou background, ou bg. A abertura é a música BOURREE., D Bach, interpretada pelos SWINGLE SINGERS, em ritmo paracido com jazz.

A escolha dos temas se dá em dependência do contexto sociocultural da época e, especialmente, com músicas que sugerem a temática e o fluir rítmico do texto apresentado. Busca-se, por exemplo, fazer corresponder um poema barroco com música de características barrocas (Bach, por exemplo), poema ou romance romântico com música romântica (Chopin, Listz, por exemplo), Simbolismo com música de Débussy,



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

em casos de autores contemporâneos a música erudita contemporânea, (Stokenhouser, Bartock, Honegger, Jindrich Feld, John Adams.)

O programa pode sempre ser gravado, o que facilita a correção, na hora de ser apresentado. Os alunos recebem os roteiros com antecedência, quando isso é possível. Quando não é possível, ensaiamos no tempo que antecede a gravação, lá mesmo na rádio, uma hora de se iniciar a gravação.

É evidente que tudo isso, apesar de altamente motivador para mim e os alunos, não são flores. Alunos há que têm dificuldade em soltar a voz, são inibidos e, muitas vezes a pronúncia, vez que não estão acostumados, deixa muito a desejar. Mas os exercícios e o próprio enfrentar do desafio, a presença no estúdio de gravação e sentindo o clima reinante no estúdio ajudam até no relaxamento.

As dificuldades de pronúncia que encontro nos alunos e, por que não, até em mim, se prendem ao fato de que a fala do dia-a-dia influencia muito. Percebo certa dificuldade me pronunciar todas as sílabas, às vezes na ausência de califasia, isto é, falta de entonação necessária ao pronunciar algumas palavras do texto. Procuro mostrar a eles que a pronúncia da variante {r} retroflexo, mostrada acima, aquele [r], interiorano, de algumas cidades de Minas Gerais e São Paulo, que a Rede Globo caracteriza como o {r} pronunciado pelo norte- americano (sic).

É importante destacar o papel do silêncio na leitura de certos textos. É o caso, por exemplo, do poema CIDADEZINHA QUALQUER, de Carlos Drummond de Andrade, O último verso mostra o sentimento de contrariedade do autor ao sentir a pequena cidade que descreve. Antes de dizer “Ai, que vida besta meu Deus!”, há uma pausa que antecede a expressão de aborrecimento.

Apresentaremos, a título de exemplos, dois programas gravados, no ano de 2001. São os programas focalizando os autores Ana Cristina César, a Ana C. e Moacir Amâncio.

Inicialmente, o programa referente à autora Ana C.

No programa de hoje/ Ana Cristina César (1952-1983)

BG - CD N°6

FAIXA 2

DESCE BG

Conhecida por ANA C. formada em Letras, elaborou resenhas para as revistas Veja e ISTO É, colaborou no Jornal do Brasil, FOLHA DE SÃO PAULO, e foi analista de textos no Departamento de Análise de Pesquisas da Rede Globo de Televisão. Espécie de



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

*musa da GERAÇÃO MIMEÓGRAFO,
ALTERNATIVA OU MARGINAL, da década de 70,
escreveu CENAS DE ABRIL E LUVAS DE PELICA
reunidos na obra A TEUS PÉS. Leitura obrigatória
do vestibular da Faculdade de Comunicação Social
Cásper Líbero.*

SOBE BG

DESCE BG

*Poesia aparentemente prosaica, na verdade, revela
anseio de abafar a angústia que culmina com o
suicídio..*

Ouviremos POEMA.

PARTICIPAÇÃO DE

MUDA BG - CD N°22

DESCE BG

*Minha boca também
está seca
deste ar do planalto
bebemos litros d'água*

SOBE BG

DESCE BG

*Brasília está tombada
iluminada
como o mundo real
pouso a mão no teu peito
mapa de navegação
desta varanda*

SOBE BG

DESCE BG

hoje sou eu que



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

*estou te livrando
da verdade
te livrando;*

*SOBE BG
DESCE BG*

*castillo de alusiones
forest of mirroR*

*SOBE BG
DESCE BG*

*anjo
que extermina
a dor.*

*SOBE BG
DESCE BG*

No poema, a marca de Ana C.: o desespero pela incompletude. Litros d'água para a boca, seca, isto é, a sua vida pedindo afeto e, na impossibilidade, busca fugir livrando-se da verdade, como tenta livrar Brasília - castelo de alusões e florestas de espelhos. Talvez isso seja um anjo que extermina sua dor.

*MUDA BG - CD Nº 6
DESCE BG*

*Conheça a obra atual de ANA CRISTINA CÉSAR -
a ANA C.*

ENCERRAMENTO

E, agora, o programa referente ao poeta Moacir Amâncio.

MOACIR AMÂNCIO



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

*No programa de hoje, o poeta contemporâneo
MOACIR AMÂNCIO. (1949).*

*BG: CD Nº 3 - FAIXA 1
DESCE BG*

*Jornalista, publicou os livros: DO OBJETO ÚTIL,
(Prêmio Jabuti de Poesia), FIGURAS NA SALA, O
OLHO DO CANÁRIO. Na revista MAGNA/ da
USP/ publicou o poema PALÁCIO DA
FRONTEIRA.*

*SOBE BG
DESCE BG*

Hoje ouviremos o poema OS FRUTOS

PARTICIPAÇÃO DE

*MUDA BG - CD Nº 4
FAIXA 11*

*notas vermelhas
amarelas
ocres*

*SOBE BG
DESCE BG*

radicalmente musical

*a mão
não rege
esse desconcerto*

*SOBE BG
DESCE BG*

*romã
pêra pêssego
maçã uvaia*

*SOBE BG
DESCE BG*

*um corte no sol
a papaia.*

*SOBE BG
DESCE BG*

*Poema sugestivo, o aspecto sensorial: visão- cores
(vermelho, amarelo, ocres)/ olfato -cheiros (romã,
pêssego, maçã, uvaia, papaia)/ audição -
“radicalmente musical”.*

É a natureza, a sensibilidade e a poesia.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

MUDA BG: CD Nº 3 - FAIXA 3

Moacir Amâncio, poeta brasileiro.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL, Assis. *A poesia fluminense do século XX*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1998.

BENITEZ, Jose. *Periodismo en Radio y Televisión*. Quito: Índice Ediciones, s/d

FERRARETO, Luiz Artur. *Rádio, o veículo, a história e a técnica*. Porto Alegre, 2001.

GARCIA, Jimmy Garcia. *La Radio por dentro y por fuera*. Quito: Editora Intitian, 1980.

HOLLANDA, Heloisa B. de. *Esses poetas*. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, 1998.